

Formação superior em Jornalismo e os desafios da prática do jornal-laboratório

Degree in Journalism and challenges of practice in the newspaper-laboratory

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



CÍNTIA XAVIER¹

MARCELO ENGEL BRONOSKY²

RESUMO

Os cursos de graduação em Jornalismo passam por alterações significativas, em especial, nos últimos anos. Entre elas está a implementação das novas diretrizes curriculares para a formação superior, perpassando pelos debates em torno das características dos jornais laboratórios. Há um processo de readequação da oferta de cursos superiores, em parte pela falta de obrigatoriedade da graduação para o exercício da profissão. Outro aspecto é que em função da queda de circulação de exemplares dos jornais impressos em diversos países e em especial no Brasil, tem crescido nos cursos o debate a respeito da necessidade de materiais laboratoriais impressos. A proposta de texto apresenta um mapa/levantamento, acompanhado de reflexão sobre a situação no Paraná a partir de dois indicadores: quantos e quais cursos de Jornalismo estão em funcionamento; e a existência ou não de jornal-laboratório impresso. A percepção é de que as graduações estão diminuindo a oferta de jornais laboratórios impressos.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Diretrizes curriculares. Ensino de Jornalismo. Jornal-laboratório.

ABSTRACT

The undergraduate courses in Journalism go through significant changes, especially in recent years. Among them is the implementation of the new curricular guidelines for higher education, going through the debates around the characteristics of the laboratory newspapers. There is a process of readjustment of the offer of higher courses, partly due to the lack of obligatory graduation for the exercise of the profession. Another aspect is that due to the decline in circulation of printed newspapers in several countries and especially in Brazil, there has been a growing debate on the need for printed laboratory materials. The text proposal presents a map/survey, accompanied by reflection on the situation in Paraná from two indicators: how many and which journalism courses are in operation; and the existence or absence of a printed laboratory-journal. The perception is that graduations are decreasing the supply of printed laboratories newspapers.

KEYWORDS

Journalism. Curricular guidelines. Journalism teaching. Newspaper-laboratory.

Recebido em: 10/10/2016. Aceito em: 19/12/2016.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora adjunta do Departamento de Jornalismo da UEPG. E-mail: cintia_xavierpg@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/083787310772226>.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor adjunto do Departamento de Jornalismo da UEPG. E-mail: mebrono@uepg.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0515651302685104>.

Formação superior em Jornalismo e os desafios da prática do jornal-laboratório

1 INTRODUÇÃO³

Para além das polémicas iniciais, quando da homologação das novas diretrizes curriculares (DCNs) para o Jornalismo, em 2013,⁴ notadamente em relação a eventual desvinculação do Jornalismo da área da Comunicação, da autorização de estágio obrigatório para os anos finais do curso e da limitação de dois estudantes na elaboração de TCC, outras questões têm surgido quando da implantação/adequação nos cursos.

Mesmo diante das dificuldades de implantar as novas DCNs, é inegável que a proposta em vigor é mais flexível e ampla, destacando orientação e organização curricular em vez de determinar um padrão. O professor Sérgio Mattos, um dos membros da comissão de especialistas analisou, em entrevista ao Observatório da Imprensa, em 2014 (grifo nosso), as novas DCN:

Acredito que as novas diretrizes, que não engessam os cursos, atendem plenamente às necessidades atuais se forem cumpridas. **A flexibilidade curricular possibilita que os cursos se adéquem às realidades regionais e globais simultaneamente.** Isto porque as diretrizes esboçam princípios norteadores que garantem a autonomia das universidades para organizar seus respectivos projetos pedagógicos.⁵

Mattos destacava, sem objetar as propostas curriculares anteriores, uma característica fundamental nas novas DCNs, qual seja: devem estar em sintonia com a realidade na qual o curso está inserido, sem perder de vista a qualidade da formação do jornalista, na sua condição "generalista, humanista, crítica e reflexiva".

A preocupação com qualidade na formação atravessa toda a proposta. Porém, muitos cursos têm encontrado dificuldades em programar essas orientações. Sem entrar no mérito das possíveis justificativas, torna-se necessário apontar como isto tem contribuído para limitar a formação de nossos futuros jornalistas a uma realidade em profunda transformação. Muitos

³ Versão preliminar deste trabalho foi apresentada na modalidade comunicação científica no Grupo de Trabalho Projeto laboratorial-impresso do XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo, evento componente do 16º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo.

⁴ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2016.

⁵ Disponível em: <<http://observatorioidaimpresa.com.br/interesse-publico/ed783-os-desafios-das-novas-diretrizes-do-curso-de-jornalismo/>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

autores (GOMES, 2009; MEDISTCH, 2008; SCHRÖDER, 2008) reconhecem ser fundamental a necessidade de atribuir outros valores aos produtos laboratoriais, com destaque para o atendimento aos interesses públicos, para além daqueles pelos quais foram historicamente constituídos.

2 O QUE ESPERAR DE UM JORNAL-LABORATÓRIO EM SINTONIA COM AS NOVAS DCNS

Por óbvio, um jornal-laboratório prevê a execução de tarefas relacionadas com a prática de produção jornalística. As atividades previstas demonstram uma busca por aproximação do processo produtivo convencional, de uma redação. Prazos, etapas, estrutura, organização de tarefas e hierarquia das atividades fazem parte do exercício laboratorial, para formatar uma rotina produtiva. Um jornal deve orientar para a sistematização e rotina de trabalho, para garantir que os jornais (ainda que laboratoriais) sejam espaços de organização e hierarquização de assuntos e notícias. Há a defesa, portanto, de que a produção de um jornal laboratorial deve cumprir as mesmas características de um jornal convencional.

Entre as características de um jornal estão atualidade (GROTH, 2011; FONTCUBERTA, 1999), periodicidade (GROTH, 2011; FONTCUBERTA, 1999), universalidade e publicidade (GROTH, 2011), novidade, veracidade e interesse público (FONTCUBERTA, 1999). “Esta *publicação periódica* é o distintivo mais explícito, a ‘característica’, que todos os jornais e revistas carregam consigo e que os diferencia desde o começo de publicações semelhantes como boletins [...], cartilhas, circulares.” (GROTH, 2011, p. 149-150, grifo do autor).

Há a necessidade de um mínimo de edições para garantir que o processo produtivo seja cumprido, inclusive com a circulação do material organizado, pois somente com a materialização do produto temos de fato um jornal.

No caso de cada jornal ou revista, trata-se de uma ideia completa formada e por sinal – como nós já dissemos (cf. Parte I, p.97s.) - de uma *realidade* mental ou *imaterial*, que nunca se torna propriamente visível, que não nos é dada diretamente em uma materialização perceptível pelo sentido, que não consiste em números e exemplares, mas cuja realidade consiste em uma ideia, manifesta-se em números e se materializa em exemplares. (GROTH, 2011, p. 146-147, grifos do autor).

Formação superior em Jornalismo e os desafios da prática do jornal-laboratório

Na concepção de Groth um jornal é jornal quando atinge cada uma das etapas de concepção. Entre elas está a ponta final que é o processo de circulação, para que possa fazer sentido, ao público ao qual se destina.

Além de tais características, a formação superior em Jornalismo deve oferecer ao aluno a possibilidade de trazer debates sobre questões que envolvem o interesse público e a função social do jornalismo (SCHRÖDER, 2008; MEDITSCH, 2008; GOMES, 2009). Afinal está na gênese do jornalismo o debate pelo interesse público e é papel de uma formação crítica trazer o debate para a produção laboratorial. Ao trabalhar com as questões sobre o ensino de Jornalismo, Meditsch (2008, p. 30) destaca a necessidade de observar os interesses comerciais e sociais:

Nessa perspectiva é fundamental distinguir entre os objetivos perseguidos pela profissão, que são sociais, daqueles perseguidos pela mídia, que são comerciais, ou pela comunicação corporativa, que são setoriais ou privados. [...] E, para que a sua formação seja eficaz, articulá-la à pesquisa que coloca as questões a partir dessa perspectiva, distintiva e necessariamente aplicada.

180 |

Do ponto de vista prático, o jornalismo, enquanto missão social está voltado desde a prestação de serviços básicos até o debate complexo (tão atual em 2016) sobre a queda de um presidente. “[...] relatar os acontecimentos não presenciados pela maioria, narrar uma história que emociona e informar pode ser tão ou mais importante do que a reportagem que muda o curso da história.” (SCHRÖDER, 2008, p. 17). Schröder chama a atenção para a importância do prosaico na atividade; daquilo que alcança o cotidiano da sociedade de forma mais singela: se vai chover ou não; a interrupção do fornecimento de água ou energia; da mudança da rota de um ônibus urbano. Aquilo que produz sentido imediato no usuário do serviço, sob o qual o jornalismo é igualmente responsável em dar a conhecer.

Já Wilson Gomes (2009, p. 89) propõe abordagem mais ampla para função do jornalismo apresentada por Schröder (2008). Ao trabalhar com o interesse público, como princípio fundamental do jornalismo, Schröder (2008) opta por dizer que este deve “aparelhar o indivíduo para a vida social.” Por outro lado, Gomes (2009, p. 69) destaca que “a função prática pode nem ser tão imprescindível assim, pois se a atividade que cumpre for considerada nobre, a

instituição social estaria plenamente legitimada.” Para Gomes (2009, p. 70), o jornalismo não pode ser “concebido como um ramo de negócios ou de serviços industriais.” A partir do debate exposto acima é possível defender, portanto, que o espaço da produção laboratorial, no jornal-laboratório que os estudantes possam ter condições de trabalhar com os conceitos de função social e interesse público.

Deve ficar claro que, embora pareça abstrato, por conta do debate exposto, sobre o dever do jornalismo, na perspectiva do interesse público, há pontos bem concretos no processo de produção de um jornal para debater a função do jornalismo. Ao orientar reuniões de pauta, linha editorial, hierarquia das informações a serem publicadas, o interesse público e a função social do jornalismo se materializam. O estudante de Jornalismo precisa justificar as escolhas editoriais, e quase sempre o faz na perspectiva da função e importância que o jornalismo adquire para a sociedade.

A pesquisa para a confecção da pauta, a triagem na escolha das fontes que tenham dados mais precisos para melhor informar e orientar o leitor, a elaboração do texto claro, conciso, e a programação visual mais adequada para esses textos e ilustrações são passos decisivos para conscientizar o futuro jornalista de sua função social, reforçando seu compromisso com a verdade e com os padrões éticos vigentes na profissão. (LOPES, 1989, p. 49).

Tais características se apresentam mais concretas nos jornais laboratórios que estão livres das amarras econômicas, de interesses dos anunciantes em detrimento ao debate sobre o bem comum da chamada “esfera civil, a esfera da cidadania.” (GOMES, 2009, p. 71).

Para ter a dimensão da amplitude da formação e a relação com o jornal-laboratório foi realizado um levantamento dos cursos de Jornalismo autorizados pelo Ministério da Educação (MEC) para funcionar no estado do Paraná e se e como eles têm organizado suas produções laboratoriais impressas atualmente. A ideia é demonstrar se as graduações estão oferecendo a oportunidade aos seus alunos de realizar atividades de produção em jornalismo impresso. Nossa preocupação aqui não é a avaliar a qualidade das produções em si, embora em outra oportunidade torne-se necessário, mas sim, se elas

Formação superior em Jornalismo e os desafios da prática do jornal-laboratório

estão sendo encaminhadas pelas instituições, ou seja, se existem enquanto espaço laboratorial impresso.

Antes, porém, devemos ressaltar o cenário de hiperdigitalização que tem tomado conta do mercado jornalístico e, por conseguinte, das escolas de Jornalismo e como isto tem impactado nas suas organizações curriculares, no tocante, a oferta (ou não) de produtos laboratoriais impressos. No caso dos jornais impressos de formato empresarial há a uma queda generalizada na circulação de exemplares.

No Brasil, a queda do número de exemplares por habitantes é consistente com a queda na fatia da população que lê jornal. Em 2001, 31% dos entrevistados pelo Instituto Marplan declararam ler jornal às segundas-feiras, 30% de terça a sábado e 36% aos domingos. Em 2003, essas porcentagens haviam caído para 25%, 25% e 30%, respectivamente. (SANT'ANNA, 2008, p. 40).

A introdução dos jornais laboratórios impressos, quando do início das escolas de Jornalismo, dizia respeito à necessidade de oferecer possibilidade prática aos estudantes diante do preponderante formação humanística dos cursos.

Desde que surgiu o primeiro curso de jornalismo no Brasil, uma preocupação sempre corrente foi articular a teoria com a prática laboratorial na atividade pedagógica. Algo que pudesse aproximar a formação acadêmica à realidade das atividades diárias dos jornalistas. (BRONOSKY; GOMES, 2014).

Mas foi com o Decreto-lei 83.284 de 1979 que proibiu os estágios na área que os cursos se 'obrigaram' a oferecer um espaço de exercício da prática. Para José Marques de Melo, este movimento de instalação do espaço prático nos cursos se dá quando o Conselho Federal de Ensino define, pela resolução 03/1978, que as escolas de Jornalismo deveriam possuir espaços laboratoriais (MELO, 1985, p. 119).

Desde então, essa orientação tem sido relativamente consensualizada junto aos mecanismos de verificação de qualidade do MEC. A atual DCN reforça, ainda, a necessidade de garantir espaços de exercício laboratorial na estruturação curricular, porém não faz referência específica necessidade de veículos laboratoriais impressos, tratando de forma ampla:

VI – Eixo de prática laboratorial, que tem por objetivo desenvolver conhecimento e habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e valores, integrando os demais eixos, alicerçados em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular, **tais como: jornal, revista e livro, jornal mural, radiojornal, telejornal, webjornal, agência de notícias, assessoria de imprensa, entre outros.**⁶ (BRASIL, 2013, p. 5, grifo nosso).

Quando cita o jornal-laboratório impresso, indica que os projetos pedagógicos não podem estar baseados especificamente estas plataformas:

f) Ter como horizonte profissional o ambiente regido pela convergência tecnológica, **onde o impresso não seja a espinha dorsal do espaço de trabalho nem dite as referências da profissão**, embora conserve a sua importância no conjunto midiático (BRASIL, 2013, p. 2, grifo nosso).

Portanto, a questão aponta uma problemática junto aos cursos de jornalismo. Manter em seus projetos a prática jornalística laboratorial em plataformas impressas ou substituí-las por outros espaços?

Parece-nos que essa questão precisa ser tratada em perspectiva, considerando tanto os impactos tecnológicos num mercado jornalístico em crise editorial, de narrativas e de mercado, entre outras, quanto às *facilidades econômicas* proporcionadas às universidades pelas plataformas digitais oferecendo-se como possível substituição.

|183

3 IMPACTOS TECNOLÓGICOS NOS CURSOS DE JORNALISMO

Parece-nos que aquela antiga crítica, ‘na teoria, a prática é outra’, aos cursos de Jornalismo sob a qual eles estariam distantes da realidade editorial em função das dificuldades de acompanhar o desenvolvimento técnico, não parece fazer tanto sentido atualmente.

As universidades, tanto públicas quanto privadas, têm reduzido essa eventual defasagem, se adequando à realidade tecnológica, a partir da oferta de conexões rápidas à internet, laboratórios de informática conectados e

⁶ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2016.

Formação superior em Jornalismo e os desafios da prática do jornal-laboratório

integrados, computadores em condições de realizarem procedimentos de navegação na web, edição não-lineares, entre outras tarefas compatíveis com a realidade contemporânea. Em algumas situações, mais adequadas que as oferecidas pelo próprio mercado profissional. Os procedimentos de avaliação do MEC – aplicados aos cursos de graduação, em geral, dão elevado destaque aos itens de infraestrutura.⁷

É certo que mesmo com a preocupação de atualização tecnológica, acompanhar as ofertas de consumo de dispositivos tecnológicos é impensável, especialmente no que diz respeito à mobilidade e agilidade. Porém, isto não tem impedido, tanto por parte das escolas quanto de coletivos de estudantes, iniciativas no âmbito do jornalismo com objetivo de exercitar outros formatos, outros modos de apurar e noticiar. O chamado jornalismo ‘militante’ tem se utilizado deste recurso com relativo sucesso.

Portanto, se as universidades têm condições tecnológicas de proporcionar o exercício da produção de notícias de forma mais econômica que pelos jornais laboratoriais impressos; se o mercado editorial jornalístico tem reduzido a cada dia suas ofertas em papel; e, por fim, se o número de acesso às notícias via jornais impressos está em franco declínio, então alguns podem avaliar não haver outra saída se não acompanhar este movimento e substituir os jornais laboratórios impressos por digitais, sem ignorar os processos de ajustamento necessários e fundamentais. O diretor do Centro de Linguagem e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, professor Rogério Bazi, considera inevitável este processo.

Analisando as novas diretrizes, que indicam que as faculdades devem ter em mente que o impresso não seja a área que impera e que vivemos cada vez mais em um ambiente multi e transmidiático. Sou a favor que a produção de textos de origem histórica na linguagem impressa ainda exista, mas com aproximações com formato para a internet. [...] Aqui na PUC-Campinas mesmo foi nosso último ano [...] do jornal e toda a produção será em PDF para ser depositada no online. (BAZI, 2016).⁸

⁷ BRASIL. Ministério da Educação. **Instrumento de avaliação de cursos de graduação presencial e a distância**. Brasília: Ministério da Educação, 2015. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumentos/2015/instrumento_avaliacao_cursos_graduacao_presencial_distancia.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2016.

⁸ Entrevista concedida aos autores, em 26 de agosto de 2016.

Esta análise encontra eco num movimento verificado junto às escolas de Jornalismo do Paraná, a partir de pesquisa realizada nos sites institucionais e grades curriculares. Como podemos ver na tabela abaixo, das 22 faculdades de Jornalismo autorizadas, 17 estão em funcionamento.⁹ Em 2006, segundo levantamento realizado pelo Sindicato dos Jornalistas do Paraná, portanto, antes do fim da exigência do diploma para o exercício da profissão, haviam 26 cursos autorizados.¹⁰

Esses números revelam, entre outras questões, um encolhimento das ofertas de curso de Jornalismo no Paraná na ordem de 34% em dez anos. Um terço das vagas foi suprimido do mercado em quase dez anos. Nessa direção, identificamos que das 17 escolas em funcionamento, duas não oferecem jornal-laboratório impresso. Além disso, algumas não mantêm frequência de publicação, ou seja, realizam duas ou no máximo três edições por semestre, como é o caso da UniBrasil de Curitiba.

Segundo Maura Martins, coordenadora, o curso de Jornalismo da UniBrasil imprime uma edição do jornal *Capital da Notícia* por semestre, com edições temáticas, de acordo com o funcionamento da disciplina, condicionado ao ingresso de estudantes. Os conteúdos jornalísticos estão sendo públicos na versão online com o mesmo nome do jornal *Capital da Notícia*. "O jornal Capital da Notícia é uma produção laboratorial do curso de Jornalismo do UniBrasil Centro Universitário. O produto existe desde 2003 na versão impressa, mas sua versão online veio ao mundo em 2012".¹¹ Mesmo diante deste encolhimento da produção laboratorial impressa, Martins (2016) considera importante a produção para o impresso,

especialmente porque tem uma lógica que os alunos precisam se envolver, como a distribuição, algo que não conseguimos executar só com o online", avalia. Quanto a ideia de substituir definitivamente o impresso pelo on-line, ela afirma que existe: dependemos sempre de

⁹ Não foi possível verificar se o funcionamento é regular, uma vez que as universidades/faculdades têm o direito de não abrirem turmas para aquele semestre/ano.

¹⁰ Disponível em: <<http://docplayer.com.br/4976003-Extra-pauta-cursos-de-jornalismo-saturam-mercado-no-parana-seminario-eleicoes-formacao-defesa-corporativa.html>>. Acesso em: 12 set. 2016.

¹¹ Disponível em: <<https://jornalcapitaldanoticia.wordpress.com/quem-somos/>>. Acesso em: 12 set. 2016.

Formação superior em Jornalismo e os desafios da prática do jornal-laboratório

verba, o que não é garantida todo semestre. Acho que mais por causa disso do que por uma opção de não fazer mais o impresso.

É certo que questões financeiras influenciam na decisão de manter a oferta de uma experiência de impresso, contudo, produzir eventualmente material impresso também não oferece condições de proporcionar a experiência de rotinas, de edição, de fechamento e diagramação. Etapas importantes para o desenvolvimento cognitivo do estudante que são adquiridas na regularidade da produção.

Na mesma linha, o curso de jornalismo da Universidade Secal – Ponta Grossa organiza a produção de jornal impresso, *Nova Pauta*,¹² no segundo e quinto semestres, com duas edições cada período. A elaboração por grupos diferentes de duas edições cada não oferece continuidade, logo, nem rotina, ainda que garanta o ideal de oito edições ao ano. Segundo o coordenador, professor Helton Costa, a versão impressa é necessária para fins de comprovação junto ao MEC. Para ele, “as versões – online e impressa – coexistirão.”¹³

A distribuição, como lembrou a professora Maura Martins, fundamental no processo de ensino-aprendizagem só é conseguido na experiência do impresso. Distribuir oferece momento inexistente no mundo da produção jornalística comercial: o contato direto com o público, com as expressões e manifestações dos leitores. Essa relação, que outrora acontecia nos balcões dos jornais, via ligações telefônicas às redações e nas cartas, hoje ocorrem por e-mails e redes sociais, mediadas por profissionais especializados a partir de centros de controles de fluxo de mensagens que gestam os contados, blindando os jornalistas dos seus leitores, em especial, dos críticos.

Para além dessa realidade, que não volta mais, o momento dos alunos fazer circular fisicamente o resultado do seu esforço constitui o contato com o público, dá dimensão pública, fundamental aos produtos laboratoriais como a qualquer formação de qualidade. Na outra ponta, constitui relação de compromisso, não com a instituição, não com a escola ou a disciplina, muito

¹² Disponível em: <<http://www.novapautasecal.com/>>. Acesso em: 13 set. 2016.

¹³ Entrevista concedida aos autores, em 13 de setembro de 2016.

menos com as notas, mas com o público leitor. Mas, para isso, a regularidade, os compromissos jornalísticos precisam ser exercidos e renovados.

QUADRO 1 – CURSOS DE JORNALISMO AUTORIZADOS PELO MEC NO PARANÁ EM 2016

Instituição de ensino superior	Grau	Modalidade	Vagas autorizadas	Situação (MEC)	Situação ¹⁴ (Atual)
UNIVERSIDADE NORTE DO PARANÁ (UNOPAR)	Bacharelado	Presencial	200	Em Atividade	Em atividade
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ (UTP)	Bacharelado	Presencial	150	Em Atividade	Em atividade
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)	Bacharelado	Presencial	30	Em Atividade	Em atividade
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DE CASCAVEL (FCSAC)	Bacharelado	Presencial	100	Em Atividade	Em atividade
FACULDADE DO NORTE PIONEIRO (FANORPI)	Bacharelado	Presencial	150	Em Atividade	Sem atividade
CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ (FAG)	Bacharelado	Presencial	100	Em Atividade	Em atividade
CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL (UNINTER)	Bacharelado	Presencial	100	Em Atividade	Em atividade
FACULDADE SUL BRASIL (FASUL)	Bacharelado	Presencial	100	Em Atividade	Em atividade (sem jornal laboratório impresso)
FACULDADE PITÁGORAS DE LONDRINA	Bacharelado	Presencial	150	Em Atividade	Sem atividade
FACULDADE SANTA AMÉLIA (SECAL)	Bacharelado	Presencial	150	Em Atividade	Em atividade ¹⁵
FACULDADE DO NORTE NOVO DE APUCARANA (FACNOPAR)	Bacharelado	Presencial	100	Em Atividade	Sem atividade
CENTRO UNIVERSITÁRIO AUTÔNOMO DO BRASIL (Unibrasil)	Bacharelado	Presencial	150	Em Atividade	Em atividade
FACULDADES OPET	Bacharelado	Presencial	100	Em Atividade	Sem atividade
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL)	Bacharelado	Presencial	40	Em Atividade	Em atividade
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (PUCPR)	Bacharelado	Presencial	180	Em Atividade	Em atividade
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG)	Bacharelado	Presencial	42	Em Atividade	Em atividade
UNIVERSIDADE POSITIVO (UP)	Bacharelado	Presencial	200	Em Atividade	Em atividade

¹⁴ Tabela atualizada a partir dos dados coletados juntos aos sites das instituições de ensino superior do Paraná. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/emec/nova#avancada>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

¹⁵ Imprimiu duas edições no primeiro semestre de 2016 do jornal *Nova Pauta*. "Não, coexistirão. Até por conta da obrigatoriedade de termos versões impressas para fins de comprovação do MEC", segundo Helton Costa, coordenador.

Formação superior em Jornalismo e os desafios da prática do jornal-laboratório

FACULDADE MARINGÁ (CESPAR)	Bacharelado	Presencial	63	Em Atividade	Sem atividade
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE (UNICENTRO)	Bacharelado	Presencial	25	Em Atividade	Em atividade ¹⁶
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ - UNICESUMAR (UNICESUMAR)	Bacharelado	Presencial	60	Em Atividade	Em atividade
Centro Universitário Dinâmica das Cataratas (UDC)	Bacharelado	Presencial	90	Em Atividade	Em atividade
FACULDADE METROPOLITANA DE MARINGÁ	Bacharelado	Presencial	120	Em Atividade	Em atividade ¹⁷ (sem jornal-laboratório)

Fonte: Os autores.

4 ALGUMAS CONCLUSÕES

As novas diretrizes e os debates pedagógicos apontam a necessidade da organização da formação superior em Jornalismo oferecer a prática dos jornais laboratórios, sem fechar na modalidade ou formato de execução da atividade. Ao dar ênfase na necessidade e importância da prática de jornal-laboratório faz-se necessário enumerar os princípios e elementos que definem o próprio jornalismo. Entre os eixos que podem ser reforçados estão os princípios que definem a prática jornalística: atualidade; periodicidade; universalidade; publicidade (circulação); e interesse público.

Ao levar em conta tais aspectos, parte do processo de formação só poderá ser efetivo ao estabelecer organização de produção, de forma sistemática e rotineira. Para além de uma obrigatoriedade, há a necessidade reconhecer como tais condições oferecem uma práxis no processo de formação.

Em parte, só a rotina produtiva de um jornal impresso consegue fazer. Se defendermos a necessidade de publicidade, ou seja, de circulação e, portanto, de significado para um provável público leitor, parte de tal compreensão só será obtida num processo de distribuição. Ainda que seja possível identificar uma taxa de retorno, um *feedback* com a interatividade da internet, a situação face a face ofertada pela necessidade de entrega de um exemplar nunca será alcançada no online.

¹⁶ Disponível em: <https://issuu.com/agoraunicentro/docs/jornal_gora_2012_-_ed_07>. Acesso em: 12 set. 2016.

¹⁷ Em fase de implantação. Disponível em: <<http://famma.br/graduacao/curso/jornalismo>>. Acesso em: 12 set. 2016.

As disciplinas teóricas podem ter êxito se alcançarem um debate dentro dos procedimentos de produção do jornal-laboratório. O aspecto mais saliente de tal investimento pode se dar na própria função social do jornalismo e as questões de interesse público. 

REFERÊNCIAS

BAZI, Rogério. **Sobre o fim dos jornais laboratórios impressos** [set. 2016]. Entrevistador: Marcelo Bronosky. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 26 ago. 2016.

_____. Ministério da Educação. **Instrumento de avaliação de cursos de graduação presencial e a distância**. Brasília: Ministério da Educação, 2015. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumento_s/2015/instrumento_avaliacao_cursos_graduacao_presencial_distancia.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2016.

BRONOSKY, Marcelo; GOMES, Paulo. Alguns indicadores da produção em jornal-laboratório em Curitiba. In: CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO, 10., 2014, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: FNPJ, 2014. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=813&cf=24>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

COSTA, Helton. **Sobre o fim dos jornais laboratórios impressos** [set. 2016]. Entrevistador: Marcelo Bronosky. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

FONTCUBERTA, Mar de. **A notícia**: pistas para compreender o mundo. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**. Florianópolis: Insular, 2009.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.

MARTINS, Maura. **Sobre o fim dos jornais laboratórios impressos** [set. 2016]. Entrevistador: Marcelo Bronosky. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

Formação superior em Jornalismo e os desafios da prática do jornal-laboratório

MEDITSCH, Eduardo. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de Jornalismo na sociedade da informação. In: FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (Org.). **Formação superior em Jornalismo: uma exigência que interessa à sociedade.** Florianópolis, 2008.

MELO, José Marques de. **Comunicação: teoria e política.** São Paulo: Summus, 1985.

SANT'ANNA, Lourival. **O destino do jornal.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

SCHRÖDER, Celso A. O jornalismo como missão possível. In: FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (Org.). **Formação superior em Jornalismo: uma exigência que interessa à sociedade.** Florianópolis, 2008.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Curso de bacharelado em Jornalismo. In: _____. **Catálogo geral 2016.** Ponta Grossa, 2016. Disponível em: <<http://www.uepg.br/catalogo/cursos/2016/jornalismo.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2016.